

TREINAR: UMA PRÁTICA SEXUALMENTE DIFERENCIADA?

Kari Fasting

Resumo Baseando-se num estudo realizado com jogadoras de futebol da Alemanha, Noruega, Suécia e EUA, este texto discute a forma como as diferentes percepções de treinadoras e treinadores estão relacionadas com a organização social dos papéis sexuais. Para além de apelar ao desenvolvimento de mais estudos sobre as mulheres e o desporto, especialmente na área do treinamento, a autora aponta caminhos para a modificação de uma cultura desportiva masculina, propondo um modelo de complementaridade que reconhece e valoriza as diferentes contribuições que mulheres e homens trazem para o desporto.

Palavras-chave Treino; cultura desportiva; papéis sexuais; modelo da complementaridade.

Introdução

As treinadoras e os treinadores são figuras muito importantes no mundo do desporto pela responsabilidade que têm, quer se trate de crianças pequenas, quer de atletas de topo. Elas e eles podem ter uma grande influência nos/as atletas, funcionando muitas vezes como modelos de referência (Willmann e Zipprich 1995).

Todas as estatísticas mostram que existem muito mais treinadores do que treinadoras, principalmente no desporto de alta competição. Em parte, este facto pode ser explicado pelo sistema de relações sociais de sexo, principalmente quando temos em conta a divisão sexual do trabalho e do trabalho doméstico. Mas esse sistema de relações pode ter um duplo papel neste caso, uma vez que o mundo do desporto em geral é dominado maioritariamente pelos homens, não só em termos das pessoas envolvidas, como também em termos da forma como tradicionalmente “construímos” essas relações. O desporto é um palco onde a masculinidade é produzida e demonstrada. Por essa razão, muitas pessoas partem do princípio de que o treinador é um homem.

Em consequência de tudo isto, as mulheres que abraçam a profissão de treinadoras encontram resistência, particularmente em desportos que têm sido tradicionalmente dominados por homens. Alguns colegas de profissão, o público e os/as atletas têm demonstrado reservas relativamente à competência das mulheres como treinadoras.

Nos últimos 20 a 30 anos a vida das mulheres tem mudado bastante, no desporto e não só. Não será legítimo pensar que estas mudanças podem ter tido algum

impacte na profissão de treinador/a? Será que as questões respeitantes às relações sociais de sexo são ainda um assunto importante? Será que as treinadoras ainda são marginalizadas e discriminadas? O que pensam os/as atletas de hoje sobre as/os treinadores/as? Quais são as suas expectativas, experiências e apreciações? Será que os/as atletas pensam que a categoria sexual dos treinadores é importante?

São estas as questões que discutirei nesta comunicação, baseando-me na literatura existente e em dados de estudos empíricos realizados com jogadoras de futebol de elite em três países europeus — Alemanha, Noruega e Suécia — e nos Estados Unidos.

Será que o treinamento ainda é domínio dos homens?

O número de mulheres atletas tem crescido enormemente nos últimos anos. Se nos basearmos na informação disponível, podemos concluir que o mesmo não se verificou em outras áreas do desporto como na arbitragem, na direcção e gestão e no treinamento.

Também parece ser uma tendência internacional que quanto mais alto é o nível de competição das/os atletas, maior é a probabilidade de elas/es terem como treinador um homem. Apresentam-se a seguir alguns dos dados que temos relativos à categoria sexual de quem treina ao nível do desporto de alta competição em vários países. Na Alemanha, somente 6 entre 120 treinadores/as das equipas nacionais são mulheres (Willmann e Zipprich, 1995). Um estudo da Grã-Bretanha (Brackenridge, 1997) indica que entre 6 a 8% de treinadores/as com salário completo são mulheres. Um estudo proveniente da Noruega informa que 13% dos/as treinadores/as de alto nível são mulheres (Fasting, 1984), enquanto no Canadá 1 em cada 5 treinadores/as de topo são mulheres (Laberge, 1992). É também significativo que em muitos países não parece ter sido dada prioridade às estatísticas relativas à categoria sexual dos treinadores. Poderemos interpretar este facto como uma indicação de que o sexo do/a treinador/a não é importante?

Por outro lado, há estudos que demonstraram que, para além de serem poucas, as treinadoras têm também um estatuto menor, salários inferiores e menos poder do que os seus colegas treinadores (Knoppers *et al.*, 1989; Parkhouse e Williams, 1986; Theberge, 1990), factores que não tornam a profissão de treinadora particularmente atraente para as mulheres.

Pode-se concluir que, em todas as culturas, o treinamento profissional de alta competição ainda parece ser bastante dominado por homens.

Percepções de treinadores e treinadoras

O projecto

O objectivo desta parte da comunicação é apresentar as experiências, atitudes e opiniões acerca dos treinadores e treinadoras de algumas futebolistas de topo da Suécia, Noruega, Alemanha e EUA. Todas as jogadoras já tinham sido treinadas, em algum ponto das suas carreiras, pelo menos por uma treinadora, embora a situação mais frequente fosse a de terem sido treinadas por homens.

Os resultados apresentados provêm de um extensivo estudo europeu¹ cujo objectivo era explorar as experiências das mulheres a nível individual e social no desporto, investigar a forma como integravam o desporto nas suas vidas, bem como os significados que atribuíam ao desporto e ao exercício (Fasting *et al.*, 1997). Como parte do estudo, foram conduzidas entrevistas em profundidade semi-estruturadas com futebolistas de topo em cada país. As entrevistas foram estruturadas à volta de seis temas chave: biografia desportiva, redes sociais, vida diária, identidades sexuais e o corpo, projectos desportivos e projectos de vida. Estes temas propiciaram um quadro comparativo para todas as entrevistas e permitiram também às mulheres a liberdade de explorar outras áreas à sua escolha. A discussão que de seguida se apresenta concentra-se em dados relacionados com as afirmações das futebolistas acerca das/os treinadores/as.

A amostra

A análise baseia-se em futebolistas provenientes de sete equipas diferentes e de quatro países — 9 mulheres de dois clubes suecos, 9 representantes de uma equipa americana, 10 mulheres da Alemanha e 10 da Noruega, representando 2 equipas diferentes em cada país —, compreendendo um total de 38 jogadoras. As jogadoras europeias representavam clubes da primeira divisão, as americanas uma equipa da primeira divisão da NCAA (National Collegiate Athletic Association) e nenhuma era profissional. Para além dos jogos, que normalmente tinham lugar ao fim-de-semana, todas elas treinavam entre 4 e 10 vezes por semana. Algumas das jogadoras suecas, norueguesas e alemãs integravam também, ou já tinham integrado, a respectiva selecção nacional. As jogadoras europeias tinham entre 22 e 35 anos de idade, enquanto as jogadoras americanas tinham entre 18 e 26 anos. Todas as jogadoras americanas eram estudantes excepto uma; a maioria das jogadoras europeias trabalhava em tempo integral — apenas cerca de um terço delas eram estudantes.

Para as jogadoras europeias a este nível, a vida diária é muito diferente da dos seus colegas homens. A maioria dos jogadores homens na primeira divisão ou liga são profissionais ou semi-profissionais e ganham muito dinheiro. Muitas das jogadoras sentem que isto é extremamente injusto.

Quando as entrevistas se realizaram, as jogadoras americanas tinham uma

treinadora e uma treinadora adjunta. Uma das equipas suecas era treinada por uma mulher, a outra por um homem. Era a sua primeira época nesta equipa, que antes tinha sido treinada por uma mulher. Das duas equipas provenientes da Noruega, uma era treinada por uma mulher, a outra por um homem. Ambas as equipas alemãs eram treinadas por homens, mas uma das equipas tinha tido uma treinadora durante oito anos que se tinha recentemente despedido.

Resultados

Alemanha

As jogadoras da equipa que tinha sido treinada por uma mulher durante oito anos concordavam que ela era muito competente. A maneira como treinava era considerada eficiente, disciplinada e orientada para conseguir os melhores resultados. Todas as atletas entrevistadas realçaram a relação positiva que havia entre treinadora e equipa. "Ela tentou sempre criar um sentimento de unidade na equipa, uma atmosfera positiva". Era compreensiva e tolerante e tratava as jogadoras com seriedade. As jogadoras mencionaram também o interesse que a treinadora demonstrava por elas como seres humanos. Manifestava sempre disponibilidade para ouvir os problemas pessoais das atletas. No entanto, houve alguns comentários críticos. As jogadoras entrevistadas não tinham uma opinião unânime relativamente à capacidade de resolução de conflitos por parte da treinadora.

As experiências das jogadoras da segunda equipa eram bastante diferentes. Elas referiram haver uma má relação entre o treinador e a equipa e muitos conflitos. Afirmaram unanimemente que o treinador não demonstrava qualquer tipo de aptidão a nível social. Ele não estava interessado em criar um bom ambiente de grupo, não dialogava com as jogadoras e não explicava as suas decisões. As jogadoras interpretaram este comportamento como uma fraqueza que ele tentava esconder por detrás de uma atitude autoritária. "Ele comporta-se como um macho, mas na realidade é uma pessoa muito fraca." Comportar-se como um "macho" significava que o treinador gritava e berrava com as jogadoras e tentava diminuí-las. Para além disto, queixaram-se de que o treinador nunca tinha em conta os seus problemas pessoais. Para além da sua personalidade, as jogadoras também concordavam que ele era um péssimo treinador. Os seus treinos eram enfadonhos e elas também sabiam que ele não tinha qualificações profissionais, pelo que concordaram em tentar ver-se livres dele. Conseguiram alcançar este propósito e arranjaram outro treinador — outro homem — que causou boa impressão nas jogadoras devido às suas qualificações e ao seu comportamento.

Algumas das entrevistadas alemãs manifestaram a opinião de que havia maior probabilidade de as treinadoras serem mais compreensivas e receptivas, terem mais competências comunicativas e vontade de cooperar do que os treinadores. Todas as jogadoras detestavam o tipo de comportamento que é geralmente definido como masculino: agressividade, demonstração de poder e superioridade, estilos de liderança autoritária e "comportamentos de macho". Algumas das

jogadoras interpretaram explicitamente este tipo de comportamento como um método que um treinador (um homem) utilizaria na interacção com a sua equipa.

Uma das jogadoras realçou o facto de as treinadoras conseguirem entender melhor as jogadoras do que os treinadores devido ao facto de conhecerem as suas condições físicas e psicológicas. Mas uma das nossas entrevistadas referiu que "não é o sexo da pessoa mas a sua personalidade que faz um/a bom/boa treinador/a".

Em algumas das entrevistas levantou-se a questão de saber se havia diferenças entre treinar mulheres e treinar homens. As jogadoras foram unânimes em considerar que é mais difícil treinar mulheres porque estas são mais sensíveis e emocionais, zangam-se mais facilmente e melindram-se mais do que os homens. "Se disser a um homem que ele tem de ficar no banco, ele pode ficar desapontado ou zangado ... mas em breve estará bem. As mulheres, por outro lado, sentirão isso como uma ofensa pessoal ..." Outro aspecto referido pelas atletas é que as mulheres não podem nem querem entrar em interacções duras e agressivas. O que elas queriam dizer era que, quando as mulheres são tratadas desta forma, é frequente deixarem de interagir e "desligarem". O resultado é uma atitude negativa e "a falta de comunicação a partir daí". Segundo algumas das entrevistadas, os/as treinadores/as que queiram trabalhar com jogadoras necessitam de mostrar mais empatia e um elevado grau de competência social.

Noruega

A equipa norueguesa que era treinada por um homem tinha muito pouco a dizer sobre ele, uma vez que ele as tinha começado a treinar apenas há algumas semanas. Contudo, mencionaram que ele era conhecido pelos seus berros e gritos, que tinha também um estilo agreste e era muito directo nas suas críticas, o que já se sabia antes de ele ser contratado. As jogadoras mais velhas achavam que conseguiam aguentar porque, tirando isso, ele era um bom treinador; no entanto, pensavam que algumas das jogadoras mais novas poderiam sentir-se mais vulneráveis. Por causa disto, elas já tinham falado com ele sobre o assunto, uma crítica que ele tinha aceitado bem. Esta equipa tinha tido quatro treinadores durante os cinco anos anteriores, uma das quais era mulher, uma antiga jogadora e amiga das jogadoras mais velhas da equipa. Este facto originou alguns problemas relativamente ao respeito que as jogadoras tinham por ela. Por outro lado, um dos antigos treinadores homens foi despedido porque não conseguia aceitar críticas, o que dificultava a relação entre ele e a equipa.

A outra equipa estava contente com a actual treinadora, que considerava honesta e com bastante sentido de humor. "Ela é muito brincalhona. Psicologicamente é muito boa. Ela sabe comunicar, mas também é capaz de ser autoritária". Uma característica negativa mencionada foi a facilidade que tinha de se deixar influenciar pelas jogadoras, bem como o facto de falar mais das características positivas do que das negativas. No entanto, a treinadora estava a aprender a ser mais crítica. Estava sempre bem preparada antes dos treinos e dos jogos e disponível para ouvir as jogadoras, discutindo as questões com a capitã de equipa e a representante das

jogadoras. Tal como referiu uma das jogadoras, “a sensação que temos é que ela não é a treinadora, mas sim uma de nós, de certa maneira”. Esta equipa tinha despedido um treinador no ano anterior a meio da época. Ele só tinha treinado equipas masculinas antes e a comunicação entre ele e a equipa não funcionou muito bem, uma vez que não aceitava críticas e defendia-se imediatamente quando as recebia.

As jogadoras desta equipa preferiam treinadoras porque tinham tido mais experiências positivas com treinadoras. Uma delas comentou da seguinte maneira as suas reacções quando soube que a equipa iria ter uma treinadora: “Oh meu Deus, uma treinadora, como é que vai ser, ela não deve ser boa”; e continuou depois: “Mas eu não tinha qualquer experiência com treinadoras. Só tenho tido experiências positivas desde que tive esta treinadora, por isso penso que tem a ver com as atitudes de cada pessoa. Não é comum”. Outra referiu: “Há qualquer coisa nas treinadoras. Não sei como explicar ... Mas elas sabem como é ser-se mulher. Acho que tem a ver com isso”. A mesma jogadora pensava que todos os treinadores são inseguros em relação às mulheres — que eles se perguntam se estão a ser muito duros ou demasiado simpáticos.

Suécia

A equipa sueca que agora tem uma treinadora está muito satisfeita com ela. Prepara bem os treinos, esforça-se por ser justa, é uma pessoa decidida e não tem medo de dizer às jogadoras o que pretende. Uma das jogadoras referiu que talvez ela fosse bondosa demais, porque tinha uma personalidade calma e não se irritava.

A outra equipa sueca, que estava a ser treinada por um homem apenas há seis meses, já tinha tido uma “reunião de emergência” com ele devido à reacção negativa das jogadoras relativamente à sua maneira de treinar. No entanto, depois da reunião, a relação entre o treinador e a equipa tinha melhorado. Estas jogadoras consideravam os seguintes aspectos problemáticos: ele só tinha treinado equipas masculinas anteriormente, usava linguagem grosseira à qual as jogadoras não estavam habituadas e achavam que ele não levava realmente a sério as suas funções de treinador. Achavam também que ele deveria ter demonstrado mais respeito por elas, já que ele nunca tinha visto uma jogadora de futebol ou um jogo de futebol entre mulheres antes de ter começado a treinar esta equipa.

Tivemos a sensação de que ele não estava nisto a 100%, que não entendia que nós levávamos isto a sério, o que achei irritante. Quase que nos sentimos obrigadas a dizer OK, somos mulheres, mas também conseguimos ser boas no futebol. E foi quase como se ele não estivesse à espera disso.

Muitas nunca se sentiram verdadeiramente satisfeitas com quem as treina. Elas pensam que existem tanto treinadores como treinadoras eficazes e ineficazes.

Ao falar das experiências com treinadores e treinadoras nas entrevistas, houve uma tendência que de imediato se impôs. Tinha esta a ver com o facto de as treinadoras serem vistas como melhores “psicólogas”: “As treinadoras também são mais compreensivas e conseguem lidar com as mulheres de outra maneira (...).

Como pessoa, a treinadora entende melhor como nós, mulheres, somos”. No entanto, uma outra jogadora referiu que já tinha tido uma treinadora que era muito inteligente, mas que não conseguia comunicar por ser demasiado introvertida.

Outras jogadoras tinham verificado que os treinadores tinham tendência para subestimar o nível das jogadoras: “Eles acham que não estamos em boa forma física — fazem treinos muitos fáceis, parecem acreditar que nós não conseguimos fazer treinos difíceis”.

Ambas as equipas suecas tinham mudado de treinador com relativa frequência. Numa das equipas isto chegou mesmo ao extremo de alguns treinadores terem ficado apenas durante uma época. A explicação dada foi que as jogadoras eram muito críticas, tinham um alto nível de exigência, querendo sempre saber por que razão tinham de jogar e treinar como o treinador queria. As jogadoras achavam que isto estava relacionado com o facto de a média de idades entre elas ser bastante alta, de elas próprias terem bastantes conhecimentos de futebol, de passarem grande parte do seu tempo livre a praticar este desporto, e, por tudo isto, quererem um treino de qualidade.

As jogadoras também pensam que há uma diferença entre treinar jogadores e jogadoras de futebol. As mulheres são mais compreensivas, receptivas e emocionais. Gritar pode fazer com que uma jogadora jogue pior mas pode ter o efeito oposto num jogador. Algumas acreditam que os homens podem ser muito mais duros e agressivos uns com os outros. As jogadoras também disseram que era mais exigente treinar mulheres, uma vez que se elas não estão satisfeitas com o treinador ou treinadora, elas dir-lhe-ão isso mesmo. Supostamente, as equipas masculinas aceitam melhor diferentes estilos de treino. Outras jogadoras centraram-se no facto de o futebol praticado por mulheres ser diferente do futebol praticado por homens porque as mulheres não têm a mesma capacidade que os homens, e portanto não se deveria pressupor que as futebolistas e os futebolistas devem ser treinadas/os da mesma maneira: “Tem de se ver as jogadoras de futebol de um outro ângulo, não é possível ter tido experiência anterior com equipas masculinas e depois vir treinar mulheres da mesma maneira e comportar-se da mesma maneira como fazia com os homens”.

Estados Unidos da América

As jogadoras americanas pareciam concordar que a sua treinadora principal tinha muitos conhecimentos futebolísticos e era bastante dotada. Em termos gerais, estavam bastante impressionadas com os seus conhecimentos, muitas das jogadoras gostavam dela, apesar de concordarem que ela não tinha capacidades comunicativas.

Ela, sabe ... ela é mulher, portanto, sabe o que dizer. Sabe, o objectivo dela não é pôr toda a gente a chorar, e ela é uma boa treinadora, ela sabe muito. Ela precisa de alguma ajuda. Precisa de ser capaz de comunicar mais connosco.

À medida que a época se desenrolava, este aspecto era considerado cada vez mais

um problema e parece mesmo ter originado alguns conflitos entre as jogadoras. Algumas achavam que ela era uma grande jogadora mas não era uma boa treinadora, porque uma boa treinadora deve ser capaz de falar com a equipa. Este problema de comunicação já era conhecido quando ela veio para a equipa, e portanto, para compensar, foi contratada uma treinadora adjunta que funcionava como "mãe" ou "cheerleader" (líder da claqué). O problema com a treinadora adjunta, contudo, era que ela não percebia muito de futebol, o que também causou alguma insatisfação. Embora algumas jogadoras gostassem muito dela, outras sentiam que ela as tratava como crianças. Uma das jogadoras, que só tinha tido experiência anterior com treinadores, referiu: "Estava hesitante em relação a ter ... nunca tinha tido uma treinadora antes. Mas foi bom ... ela sabe de futebol e é muito experiente ... e os treinos são muito mais organizados do que eram com os meus outros treinadores".

Algumas atletas tinham jogado na mesma equipa durante o ano anterior, quando o treinador era um homem. Todas tinham tido experiências bastante negativas com ele. Uma disse ter aprendido a não esperar qualquer tipo de encorajamento. Porque ele era tão negativo, ela aprendeu a "não se deixar influenciar". "Ele de certa forma maltratava-nos psicologicamente, penso eu, tratava-nos com superioridade. Usava muitos insultos verbais como 'Vocês são horríveis, nem acredito'". Outra jogadora referiu que este treinador não sabia comunicar com as mulheres e que apenas as fazia chorar.

Em termos gerais, as jogadoras americanas tinham notado diferenças entre os treinadores e as treinadoras. Uma disse que "os treinadores não esperam tanto de nós" como a treinadora que tinham agora. Outra jogadora, que também estava a trabalhar com uma treinadora pela primeira vez, estava a gostar imenso porque agora podia concentrar-se mais no futebol.

Há menos namoricos. Os treinadores que tivemos tinham idades muito semelhantes às das jogadoras. E penso que havia mais aquela tendência para escolher pessoas favoritas e assim, quer dizer, havia namoricos e isso ... com uma mulher treinadora, há menos distração, e penso que se entende melhor qual é o objectivo e qual deve ser a motivação da equipa.

Ela considerava que a treinadora comunicava melhor com elas e era muito mais justa do que qualquer um dos treinadores que já tinha tido, muitos dos quais tinham sido um pouco manipuladores, dizendo às pessoas coisas que não eram verdade para as fazer trabalhar mais. Ela pensava igualmente que era bom ter uma treinadora, porque isso lhes proporcionava ter uma mulher como modelo de referência.

Outra jogadora falou do melhor treinador que tinha tido, que tinha sido um homem. Quando lhe perguntaram por que é que ele era tão bom, ela respondeu: "Ele intimidava-nos. Assustava-nos ... Nós queríamos sempre trabalhar o melhor possível e provar-lhe que éramos boas. E tentávamos sempre dar o nosso melhor". Esta jogadora também acreditava que havia diferenças entre as treinadoras e os treinadores: "As mulheres são mais emocionais, levam as coisas mais a peito". Outra jogadora referiu que "os treinadores dão a impressão de serem bastante mais

fortes e severos". Para ela isto era algo positivo. Ela afirmou que a treinadora que a equipa tem agora "não nos faz muitos comentários mesquinhos ou agressivos do tipo: 'O que raio é que vocês estão a fazer?', tá a ver? Ela nem sequer se zanga conosco, nem cai em cima de nós, enquanto que os homens não têm medo de o fazer".

Uma das jogadoras, que era uma apologista incondicional de mulheres treinarem mulheres, explicou porquê:

Penso que as mulheres e os homens se sentem motivados de maneiras diferentes, pelo menos na maioria dos casos ... os homens ficam todos excitados quando um treinador lhes diz que eles não são bons, que eles não prestam. Quando se diz isso a um homem, ele vai fazer tudo para provar que é mentira. Quando se diz isso a uma mulher, quando se diz que ela não presta, que ela nunca vai conseguir nada, ela concorda e sai a chorar, mas se disser a uma mulher "eu sei que tu consegues" e "eu confio em ti", então ela vai trabalhar mais porque sabe que quer provar que isso é verdade. Penso que o problema é que muitos homens não percebem que aquilo que motiva os homens não é o mesmo que motiva as mulheres.

Mas a mesma jogadora, quando andava na escola secundária, tinha tido um treinador que sabia como comunicar com as raparigas. Segundo ela, isto devia-se ao facto de ele ter uma filha que tinha já passado pela adolescência. "Ele sabia que as mulheres não são como os homens".

Análise

Apesar da crescente participação das mulheres no desporto, treinar ainda parece ser uma profissão que pertence aos homens. A literatura sugere explicações diferentes para este facto. Knoppers (1987), por exemplo, refere que o número crescente de mulheres desafiou a hegemonia masculina no desporto, e que os homens tiveram de reconstruir a sua hegemonia noutras áreas tais como o treinamento. Desta forma, o domínio masculino no desporto de alta competição pode continuar a ser reproduzido. O treinador ou treinadora de alta competição tem um cargo de poder, pelo que concordo com Jennifer Hargreaves (1994) quando esta afirma que "Se as mulheres estão pouco representadas em cargos de poder, as suas posições podem ser facilmente marginalizadas. Este é o caso do treinamento" (201). Pode encontrar-se outra explicação na chamada teoria da reprodução homóloga, que é um processo através do qual quem domina se reproduz baseando-se em características sociais e/ou físicas (Stangl e Kane, 1991). Por exemplo, foi demonstrado que nos EUA foram contratadas muitas mais mulheres sob a égide de directoras desportivas do que de directores desportivos. Este fenómeno é igual ao que foi mencionado num estudo sobre treinadoras em Inglaterra. Elas afirmaram que, quando as mulheres se candidatavam a cargos de treinadoras, o que funcionava era o "old boys' network". "Para a maioria das treinadoras incluídas neste estudo, o método para escolher treinadores para os postos mais prestigiantes não era sistemático, estava sujeito a abusos e era pouco claro" (West e Brackenrigde, 1989/1990). Num estudo

feito entre treinadoras de ténis na Alemanha, quase 40% das inquiridas referiu razões relacionadas com o facto de as estruturas desportivas serem dominadas por homens como barreiras para as mulheres na profissão de treinadoras (Gieß-Stüber, 1995).

Uma das explicações mais utilizadas para a existência de poucas mulheres na profissão de treinadoras é a de que as mulheres, por várias razões, não pretendem este cargo ou não se candidatam a ele (Everhart e Chelladurai, 1998). Tal ponto de vista nunca foi empiricamente confirmado. Num estudo sobre as preferências dos e das atletas relativamente ao treino como profissão, descobriu-se que não havia diferenças entre os sexos. Ou seja: todos e todas pensavam que poderiam vir a ser bons treinadores; todos e todas pensavam que o número de horas de trabalho não era uma barreira que tornasse a profissão menos atractiva; e todos e todas queriam poder vir a treinar aos vários níveis. Os resultados mostram que “as razões da sub-representação de mulheres no treinamento não residem nas próprias mulheres” (Everhart e Chelladurai, 1998: 197). O modelo do défice como explicação para a inexistência de mulheres a treinar deve portanto ser refutado. No entanto, um projecto realizado com treinadoras de ténis alemãs (N=68) mostrou que na opinião delas os “défices das mulheres” são a razão mais importante para a existência de poucas treinadoras. Apenas 8% dos treinadores na Federação Alemã de Ténis são mulheres. 60% das razões apresentadas estavam relacionadas com défices como a falta de confiança em si ou a pouca competência no jogo. Num projecto de formação de treinadores de andebol, em que havia separação por sexos, um quarto das mulheres envolvidas mencionou que há demasiadas exigências técnicas para as mulheres (Zipprich, 1995). Tanto a formação como a actividade do/da treinador/a parecem estar orientadas em função das necessidades e dos ideais masculinos, podendo ser difícil para as mulheres adaptarem-se às suas normas e valores.

A explicação para o domínio dos homens no treino parece então, de uma maneira ou outra, estar embutida na cultura desportiva, e relacionada com as estruturas de poder dominantes tanto na sociedade como no desporto. É lógico que esta cultura influencia não só os próprios treinadores e treinadoras, como também a percepção que os e as atletas têm do papel da/o treinador/a, como se demonstrou nos resultados das entrevistas com futebolistas de alta competição em quatro países diferentes.

Embora esses resultados revelem variações, houve um consenso relativamente à competência profissional dos treinadores e treinadoras: as jogadoras entrevistadas não tinham dúvidas acerca da capacidade e competência das treinadoras. Surgiram nas entrevistas algumas tendências transculturais que estão claramente associadas às relações sociais de sexo: (1) embora as jogadoras tivessem tido experiências positivas e negativas tanto com treinadoras como com treinadores, estes foram por vezes caracterizados pelo seu “estilo masculino de comunicação e interacção” — as jogadoras falaram da maneira como eles “berravam” bastante e usavam “uma linguagem e um comportamento rudes e duros”; (2) manifestaram a sensação de não terem sido levadas a sério pelos treinadores.

Em termos gerais, as jogadoras pareciam sentir-se mais satisfeitas com as treinadoras do que com os treinadores. Devem também aqui ser mencionados dois

aspectos em relação às experiências das jogadoras com treinadoras: (1) o facto de algumas jogadoras terem explicitamente referido que no início estavam bastante cépticas em relação à possibilidade de terem uma mulher a treiná-las, mas que esta atitude mudou com a experiência; e (2) que muitas preferem treinadoras porque gostam mais da maneira como as mulheres comunicam, com mais compreensão e consideração; também se acredita que “as treinadoras são melhores psicólogas”.

O último tema que emerge das entrevistas é o facto de as jogadoras acreditarem que as mulheres devem ser treinadas de forma diferente dos homens, não devido a diferenças fisiológicas, mas devido a diferenças psicológicas. O problema com alguns dos treinadores residia no facto de eles só terem tido experiência com equipas masculinas, e portanto não tomarem em conta esta diferença.

Estes resultados podem ser interpretados como um espelho de antiquados estereótipos sexuais, segundo os quais as mulheres são maternais, emocionais, etc., e os homens agressivos, rudes, etc. Mas ao mesmo tempo espelham também a organização tradicional dos papéis sexuais, em que as mulheres são vistas como “o sexo fraco”, o que, em relação ao desporto, se manifesta na ideia de que elas não valem o esforço ou a atenção que se lhes dispensa. Tanto os estereótipos sexuais como a organização dos papéis sexuais parecem ser muito resistentes à mudança, como se demonstra pelo facto de estes temas ocorrerem em vários países.

Estas questões também afectam as treinadoras de outra maneira. Um estudo feito nos EUA com dez treinadoras que estavam a trabalhar apenas com homens (Staurowsky, 1990) revela que as treinadoras são desvalorizadas em relação aos treinadores. O efeito da forma como a sociedade organiza os papéis sexuais torna-se assim visível. Tanto as treinadoras como os seus jogadores eram alvo de atitudes e comentários sexistas. Tinham ouvido dizer que outros treinadores tinham dito o seguinte às suas equipas: “Rapaziada, vocês têm de ganhar àquela equipa porque não podem de maneira nenhuma perder para uma mulher”. Durante os jogos, as treinadoras eram frequentemente tomadas por jornalistas, namoradas, ou familiares, e não como treinadoras principais. A empatia em relação à equipa e a comunicação individual eram elementos importantes no estilo de treinar destas mulheres. Isto leva-nos a uma questão que também está presente no nosso estudo empírico: existirá um estilo ou uma filosofia de treino característicos das mulheres, e, em caso afirmativo, como é que se enquadram no mundo “masculino” do treino? Alguns estudos confirmam tal linha de pensamento. Um deles, que incidia sobre 200 treinadoras e treinadores universitários dos EUA, descobriu que um número maior de mulheres do que de homens apontavam como razão para serem treinadoras o facto de poderem “ajudar as atletas a alcançar o seu potencial atlético” (Pastore, 1992). Um estudo do Reino Unido descreve resultados semelhantes (West e Brackenridge, 1989/1990). As treinadoras não estavam só preocupadas com o desenvolvimento técnico e físico das suas jogadoras. As vidas pessoais das jogadoras, assim como o seu desenvolvimento social e emocional, eram também muito importantes para estas treinadoras europeias.

Apenas conseguimos encontrar um estudo que se centra nas próprias treinadoras (Naul, 1997). Este estudo, proveniente da Alemanha, é também o único que levanta a questão de saber se as jogadoras deveriam ser treinadas de maneira

diferente dos jogadores. A maioria das treinadoras neste estudo estava insatisfeita com a falta de linhas de orientação para o futebol feminino, tanto a nível de júniores como de séniores. Elas queriam também que a formação de treinadores/as credenciados/as feita pela Federação Alemã de Futebol não se centrasse apenas nas diferenças físicas entre homens e mulheres, mas que fossem também considerados os aspectos psicológicos e sociais. A justiça e o autocontrolo deveriam tornar-se objetivos educativos. Pretendiam também que se desenvolvessem programas específicos para raparigas e mulheres e currículos especiais para a formação de treinadoras. De acordo com o autor, estes resultados deveriam ter implicações mais alargadas:

As tentativas para conseguir mais autocontrolo e menos agressividade, mais justiça e menos dureza no futebol, deviam ser apoiadas por toda a gente. Isto não iria mudar a essência do futebol, mas iria apenas introduzir uma abordagem mais humanista no jogo. (Naul, 1997: 636)

As próprias jogadoras preferiam ter não só boas treinadoras, mas também treinadoras com quem pudessem contar. A mesma atitude esteve patente no nosso projecto, particularmente entre as jogadoras suecas. Elas preferiam ter treinadores/as que tivessem aptidões sociais, exigindo o seu despedimento quando eles ou elas não satisfaziam as suas expectativas.

Enquanto as raparigas e os rapazes forem socializados de formas diferentes e as mulheres e os homens viverem vidas separadas, muitos homens e mulheres adultos/as terão experiências diferentes, o que se reflecte no seu comportamento, nas suas atitudes e nos seus valores. Há, portanto, muitas razões para que as relações sociais de sexo sejam tomadas em conta tanto na formação como na contratação de treinadores/as. Na prática, isto significa que se deve tomar em conta as mulheres, uma vez que o desporto é actualmente dominado pelos homens e pela cultura masculina. No estudo realizado por Everhart e Chelladurai (1998), as jogadoras que eram treinadas por mulheres sentiam-se menos discriminadas e estavam mais motivadas para virem a ser treinadoras do que as jogadoras treinadas por homens. Conclui-se que estes resultados provam como é importante contratar mais mulheres para treinadoras. As treinadoras são importantes modelos de referência e conseguem motivar as raparigas, não só a ser mais activas no desporto, mas também a ambicionar outras posições no mundo do desporto.

Tanto a Declaração de Brighton como o Comité Olímpico Internacional têm realçado a necessidade de haver mais treinadoras, o que é difícil de conseguir enquanto a cultura existente não mudar. Os estudos sobre a liderança desportiva mostram que a cultura masculina ou exclui as mulheres ou não as atrai nem é capaz de se ajustar à presença de grandes grupos de mulheres (Whitson e MacIntosh, 1989; Hall *et al.*, 1989). Isto parece reflectir também o que se passa em Portugal. Segundo as estatísticas da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, dos 18 membros do Conselho Superior de Desporto, apenas um é mulher (Commission for Equality, 1998). Para tentar entender esta estrutura masculina das organizações desportivas e a maneira como se poderia mudá-la para conseguir

beneficiar as mulheres, Hall *et al.* analisam diversas teorias das organizações e respectiva crítica feminista. As autoras referem que não é suficiente trazer mais mulheres para as organizações desportivas se elas forem apenas meras imitações dos homens. Essa lógica baseia-se num modelo de equidade (Adler, 1986-87) que pressupõe que as contribuições dadas por homens e mulheres a uma organização serão idênticas. Este modelo coloca a ênfase no acesso a cargos de gestão — sendo que as mulheres assimilariam então as normas masculinas. O progresso é medido através da verificação do número de mulheres e homens em cada nível hierárquico da organização, tal como acontece frequentemente no desporto e também no que concerne ao treino.

As mulheres que entram neste mundo têm de aprender a entrar também no jogo, o que acontece frequentemente. Elas têm de aprender a linguagem, os símbolos, os mitos, as crenças e os valores da cultura desportiva (Fasting, 1994). Por outro lado, o modelo da complementaridade (Adler, 1986-87) reconhece, avalia e valoriza as diferentes contribuições que ambos os sexos trazem para a organização. Este modelo pode, portanto, tornar-se no elemento que proporciona a mudança. Pensamos que tal mudança cultural é necessária se se quiser que haja uma alteração significativa, não só ao nível do número de treinadoras, como também da própria filosofia do treino. Ao preparar este artigo, constatei que, particularmente na Europa, há uma enorme necessidade de investigação sobre as mulheres e o treino. Já mencionei anteriormente a falta de estatísticas quantitativas, mas há também uma enorme falta de dados qualitativos das e dos atletas relativamente às experiências e significados dos estilos de treino. Precisamos igualmente de saber mais sobre os/as treinadores/as e as suas experiências, particularmente das treinadoras. Por fim, há também uma grande necessidade de mais acção e de investigação aplicada que pode produzir um melhor conhecimento relativamente a como propiciar aos e às atletas um ambiente de trabalho mais humanista, e como recrutar e manter mais mulheres a treinar.

[Tradução de Ana Pereira; Revisão de Teresa Tavares]

Notas

- 1 O projecto de investigação "A experiência e o significado do desporto na vida das mulheres europeias" teve lugar em Inglaterra (Sheila Scraton), Alemanha (Gertrud Pfister), Noruega (Kari Fasting) e Espanha (Ana Bunuel). As quatro organizadoras do projecto desenvolveram as linhas de orientação para as entrevistas. Kari Fasting conduziu também entrevistas com jogadoras de futebol na Suécia e nos EUA, onde foram usadas exactamente as mesmas linhas de orientação. As entrevistas foram realizadas em 1993/1994 na Alemanha e Noruega, em 1994 nos EUA e em 1995 na Suécia. Foi concedido o anonimato e confidencialidade às atletas, pelo que os seus nomes não

aparecem nas entrevistas gravadas. O Comité Olímpico Internacional apoiou financeiramente este projecto. A parte norueguesa, sueca e americana foi apoiada pelo Conselho Norueguês de Investigação, a Federação Sueca de Futebol e a Universidade Norueguesa de Desporto; a parte alemã pelo Instituto Federal das Ciências do Desporto (Colónia). Não se incluiu neste artigo informação relativa à Inglaterra e à Espanha porque as jogadoras destes países não tinham qualquer, ou tinham muito pouca, experiência com treinadoras.

Referências bibliográficas

- Adler, N. J. (1986), "Women in management worldwide", *International Studies of Management and Organization*, 16 (3/4), 3-32.
- Brackenridge, C. H. (1987), "Gender inequalities in sport leadership", comunicação apresentada ao 1.º Congresso Internacional sobre "The Future of Adult Life", Leeuwenhorts Congress Center, Holanda, 1-5 Abril.
- Commission for Equality and Women's Rights (1998), *Portugal: Status of Women*, Lisboa.
- Everhart, C. B. e P. Chelladurai (1998), "Gender differences in preferences for coaching as an occupation: the role of self-efficacy, valence, and perceived barriers", *RQES* 69 (2), 188-200.
- Fasting, Kari (1984), "Idrett-hvilke hindringer møter kvinner? I 'kvinner og idrett'", rapport fra likestillingsradets konferanse, 29 Maio, Oslo.
- Fasting, Kari (1994), "Sport bodies in the 'new' Europe: progress towards equality?", comunicação apresentada ao 7.º Congresso Mundial da Associação Internacional de Sociologia, 18-23 Julho, Bielefeld, Alemanha.
- Fasting, K., G. Pfister, S. Scraton e A. Bunuel (1997), "Cross-national research on women and sport: some theoretical, methodological and practical challenges", *WSPAJ* 6 (1), 85-107.
- Giess-Stuber, P. (1995), "Trainerinnen im Deutschen tennisbund: 'seltenheitsmitglieder' in einer männerdomane", in M. L. Klein (org.), *'Karrieren' von Mädchen und Frauen im Sport*, Sankt Augustin, Academica, 117-131.
- Hall, M. A., C. Cullen e T. Slack (1989), "Organizational elites recreating themselves: the gender structure of national sport organizations", *QUEST*, 41 (1), 28-45.
- Hargreaves, Jennifer (1994), *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sport*, Nova Iorque, Routledge.
- Knoppers, A. (1987), "Gender and the coaching profession", *QUEST* 39, 9-22.
- Knoppers, A., B. B. Myer, M. Ewing e L. Forrest (1989), "Gender and salary of coaches", *Sociology of Sport Journal*, 6, 348-361.
- Laberge, S. (1992), "Employment situation of higher performance coaches in Canada", *Sport Canada, Occasional Papers*, 3 (1), 1-49.
- Naul, R. (1987), "Female soccer coaches' socialization, attitudes towards soccer, and their assessment of training as licensed coaches", in T. Reilly, A. Lees, K. Davids e W. J. Murphy (orgs.), *Science and Football*, Londres, E. & F. N. Spon, 630-636.

- Parkhouse, B. L. e J. M. Williams (1986), "Differential effects of sex and status on evaluation of coaching ability", *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 57 (1), 53-59.
- Pastore, D. L. (1992), "Two-year college coaches of women's teams: gender differences in coaching career selections", *Journal of Sport Management*, 6, 179-190.
- Stangl, J. M. e M. J. Kane (1991), "Structural variables that offer explanatory power for the underrepresentation of women coaches since title IX: the case of homologous reproduction", *Sociology of Sport Journal*, 8 (1), 47-61.
- Staurowsky (1990), "Women coaching male athletes", in M. A. Messner e D. F. Sabo (orgs.), *Sport, Men and the Gender Order: Critical Feminist Perspectives*, Champaign, Ill, Human Kinetics, 163-170.
- Theberge, N. (1990), "Gender, work, and power: the case of women in coaching", *Canadian Journal of Sociology*, 15 (1), 59-75.
- West, A. e C. H. Brackenridge (1990), *Report on the Issues Relating to Women's Lives as Sports Coaches in the United Kingdom: 1989/90*, Sheffield, Inglaterra, PAVIC Publications, Library & Learning Resources.
- Whitson, D. e D. Macintosh (1989), "Gender & power: explanations of gender inequalities in Canadian national sport organisations", *International Review for the Sociology of Sport*, 24 (2), 137-150.
- Willmann, C. e C. Zipprich (1995), "Trainerinnen im volleyball: wo sind sie zu finden?", in M. L. Klein (org.), *'Karrieren' von Mädchen und Frauen im Sport*, Sankt Augustin, Academica, 107-116.
- Zipprich, C. (1995), "Ausbildungsgänge sur trainerin im LSB Niedersachsen: erfahrungen — analysen — perspektiven", in M. L. Klein (org.), *'Karrieren' von Mädchen und Frauen im Sport*, Sankt Augustin, Academica, 131-142.

Kari Fasting é Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Norueguesa de Desporto e Educação Física (Oslo). Foi Presidente da Associação Internacional de Sociologia do Desporto e é a actual Vice-Presidente do Conselho Executivo da Women's Sport International. Coordenou recentemente um extenso estudo europeu sobre a experiência e o significado do desporto na vida das mulheres. Actualmente, a sua investigação incide sobre os maus tratos e o assédio sexual no desporto.